

Tradição muito antiga atribui os Evangelhos a algum dos Doze ou a discípulos deles. Existem outros “Evangelhos” (de Tomé, de Pedro, etc.) também atribuídos a algum dos Doze e que não foram aceitos na Bíblia. A sabedoria dos nossos irmãos na fé lá dos primeiros séculos é que adotou esses 4. O fato de fazerem parte da Bíblia, porém, não garante que o Apóstolo ou discípulo dos Apóstolos que lhes dá nome seja mesmo seu autor.

Mais importante do que identificar o autor é entender como vivia a comunidade onde cada Evangelho foi escrito.

Mateus

A comunidade que nos deu o Evangelho segundo Mateus era uma comunidade de cristãos judeus. Vamos pensar nos cristãos de Jerusalém, os primeiros a aceitar a notícia de que o crucificado Jesus estava vivo e era o Senhor e Messias enviado por Deus. Com o tempo, por um motivo ou outro, muitos saíram da cidade, enquanto outros ficaram. Esses seguiram durante anos a orientação de um Tiago, parente de Jesus, conhecido por “Tiago irmão do Senhor”, que morreu apedrejado no ano 62.

Poucos anos depois, em 66, quando os revoltosos tomaram o poder em Jerusalém, os cristãos não aderiram ao suicídio de fazer guerra contra Roma e saíram de Jerusalém. Saíram até mesmo para fora da Palestina.

Andando de um lugar para outro e tentando sobreviver, passaram por muitas dificuldades. Ficavam às vezes na praça da aldeia ou cidade, esperando que algum proprietário do lugar os contratasse para um trabalho temporário. A parábola ou comparação com esse fato só aparece no Evangelho segundo Mateus (Mt 20,1-16), pois nasceu de uma experiência vivida por essa comunidade. Por isso a gente pode dizer que este é o Evangelho dos bóias-frias.

Eles eram judeus e queriam que os outros judeus também se tornassem cristãos. Sempre tentavam convencer as pessoas, insistindo em que Jesus realizou tudo o que estava nas suas Escrituras.

Acontece, porém, que os fariseus eram fortes também. Muitos escribas, homens que explicavam a Escritura nos cultos da Sinagoga, eram fariseus. O mais famoso deles, Johanan Ben Zakai, ficou em Jerusalém. Quando resolveu sair, os revoltosos, que se deram o nome de zelotes ou zelosos, já controlavam a cidade e não permitiam que ninguém saísse. As lendas dizem que Johanan se fez de morto e os guardas tiveram que abrir os portões para que os discípulos saíssem para enterrar o seu mestre. E, assim, os fariseus também saíram de Jerusalém.

Nero havia suicidado e a cada poucos meses era um general que se fazia de Imperador. Johanan se encontrou com o general Vespasiano, comandante do exército romano na Síria, que estava indo para Jerusalém acabar com a “brincadeira” dos zelotes. Disse a ele que Deus lhe havia revelado que ele, Vespasiano, é que seria o novo imperador romano. Aconselhou-o a ir para Roma, que encontraria o apoio de todos os generais. Só pediu-lhe que conservasse para o seu grupo, os fariseus, os privilégios dos judeus, principalmente o de não precisar participar do culto imperial. Assim aconteceu.

O fato é que depois da destruição da cidade e do Templo, Johanan Ben Zakai reuniu na cidade de Jabne (ou Jâmnia) outros escribas fariseus e ali resolveram que, a partir de então, todo judeu tinha que ser fariseu. Quem não seguisse os fariseus perdia o direito de se chamar judeu e todos os privilégios dos judeus.

O Evangelho segundo Mateus foi escrito nessa ocasião (ano 85), quando se reuniram em Jabne esses escribas fariseus, a fim de decidir que aqueles que não os seguissem, os cristãos explicitamente, estavam expulsos da religião judaica, da Sinagoga.

Assim ficou a situação: Havia três grupos de judeus, os que seguiam os escribas fariseus, os cristãos e o grupo talvez maior dos judeus que não eram nem cristãos nem fariseus. Os cristãos queriam atrair os outros judeus para a fé em Jesus. Ben Zakai e companheiros queriam obrigar todos a se tornarem fariseus. Os fariseus puxando para um lado e a comunidade dos discípulos de Jesus puxando para o outro, foi aí que nasceu o Evangelho segundo Mateus.

É fácil entender, então, porque ele cita tantas vezes as Escrituras do Primeiro Testamento, porque diz que Jesus não veio abolir essas Escrituras (a Lei e os Profetas) e porque critica tanto os fariseus e os escribas e também porque é tão judeu a ponto de dizer “Reino dos Céus” em vez de ‘Reino de Deus’.

Os essênios formavam um outro Movimento que havia no judaísmo do tempo. Esse Movimento era rival dos fariseus. Gostavam de chamar os fariseus de hipócritas, ou mascarados. Para os essênios o Messias era “O Mestre da Justiça”. Ele viria fazer com que todos observassem corretamente a lei de Deus em tudo. No Evangelho segundo Mateus Jesus é o verdadeiro Mestre da Justiça. Justiça é uma das palavras que mais aparecem nesse Evangelho.

As marcas de Mateus

Assim este Evangelho tem algumas marcas ou características. Vamos tentar lembrar as principais:

- ✓ O seu objetivo principal é confirmar e animar na fé aquela comunidade de cristãos judeus. Por isso, Jesus é a presença de Deus no mundo, o *Emanuel*, Deus conosco (Mt 1,23). Jesus está presente onde dois ou três se reúnem em nome dele (18,20), está no pobre sofredor que, no fim, vai julgar o que qualquer pessoa fez na vida (25,35 ss.) e estará com os discípulos até o fim dos tempos (28,20).
- ✓ A palavra justiça está presente em todo o Evangelho. Jesus é o verdadeiro Mestre da justiça, ensina a verdadeira Lei de Deus e questiona a justiça do Império Romano.
- ✓ Respeita muito o nome de Deus. Evita o quanto pode repeti-lo e em lugar da palavra Deus, usa quase sempre a palavra “céus”, conforme o jeito de falar dos judeus. Assim, “Reino dos céus” não é o céu, é apenas a mesma coisa que “Reino de Deus”.
- ✓ Usa muito a Bíblia. Tudo o que acontece está realizando uma palavra da Escritura. Jesus é o Messias que os judeus esperavam, ele realizou as suas Escrituras.
- ✓ É o único Evangelho que usa a palavra Igreja ou Comunidade. Os fariseus estavam reorganizando as comunidades judaicas em torno das Sinagogas. Era preciso que os cristãos também se organizassem em Igrejas. O Evangelho é um manual de catequese para a formação das comunidades de cristãos judeus.
- ✓ A comunidade cristã, com todas as suas falhas e limitações, é o “Reino dos céus”. Ai há terreno bom e terreno ruim, planta boa e planta ruim, peixe bom e peixe ruim, é pequeno e grande, fraco e forte, é pitada de fermento e semente de mostarda.

- ✓ **A comunidade tem organização e disciplina, pode expulsar quem não vive de acordo com seus princípios (18,15-18). O que a comunidade fizer aqui na terra, Deus aprova.**
- ✓ **Tem autoridades que agem em nome da comunidade (16,19), mas que devem ser diferentes das autoridades do Império Romano (18,1-4; 20,25-28; 23,9-11).**
- ✓ **Combate fortemente os fariseus, agora os seus principais inimigos. Critica-os direta e indiretamente. Eles são os culpados de tudo o que aconteceu a Jesus, que sempre desmascarava a hipocrisia deles.**
- ✓ **Lembra sempre os personagens importantes da tradição judaica: Abraão pai de todos, a começar de Jesus, e Moisés, que deu a Lei no Monte Sinai, além de outros. Agora Jesus é o novo Moisés.**
- ✓ **Teve dificuldades também com comunidades de cristãos não judeus ou gentios, especialmente as de Paulo que nos deram o Evangelho segundo Lucas. Essas se diziam inspiradas pelo Espírito Santo, rezavam muito, falavam muito em curas, milagres e exorcismos. Ver Mt 6,5-8 comparado com Lc 11,5-13 e também Mt 7,21-23 comparado com Lc 13,26-27.**

As palavras de Jesus nesse Evangelho estão agrupadas, por isso, **nas 5 grandes catequeses:**

1. A Nova Lei de Jesus, ou seu grande projeto para uma nova sociedade (cap. 5-7).
2. Como divulgar esse projeto (cap. 10)
3. A realidade das comunidades, o Reinado dos Céus (de Deus), neste mundo (cap. 13)
4. Que é comunidade? Cargos, união dos membros (cap. 18)
5. E agora, depois desse fim de mundo que foi a destruição de Jerusalém? Para onde vamos? Haverá um fim, um reino definitivo? Como preparamos isso agora? (24-25)

Evangelho da Infância 1,1 a 2,23	5-7 A nova Lei				18,1-19,1 Como deve ser a comunidade	Paixão e Ressurreição 26,2 a 28,20
	3,1-4,25	8,1-9,34	11,2-12,50	13,54-17,27	19,2-23,39	
	9,35-11,1 Discípulos em missão	13,1-53 A realidade do Reino dos céus	24,1-26,1 O fim, de Jerusalém e de cada			

Seria como a planta baixa de uma casa (*faltam as portas ou passagens*): A Infância, a Morte-Ressurreição e o Corredor são as partes narrativas, os cinco outros cômodos ou salas, as catequeses ou discursos de Jesus. O Evangelho da Infância é um alpendre ou hall de entrada, 3,1-4,25 é o corredor, capítulos 5 a 7 é a sala ou catequese da Nova Lei, 8,1-9,34 de volta ao corredor, 9,35-11,1 Discípulos em missão, 11,2 de volta ao corredor ou parte narrativa e, assim, por diante.